



ANTIBIÓTICOS EM PRODUÇÃO ANIMAL

Vamos ser criteriosos e realistas

De acordo com os dados da Agência Europeia do Medicamento, entre 2011 e 2022, as vendas de antibióticos em Saúde Animal baixaram 53% neste período.

São certamente boas notícias, quando o objetivo é obter produtos sãos e com qualidade para o consumidor. Certamente que neste espaço de 11 anos muito trabalho de base foi feito nas nossas explorações pecuárias para conseguir esta descida importante. Mas apesar disso, e por muito que tente, não consigo pensar em antibióticos como aqueles produtos que exibem uma “aura maléfica” e que não devem ser usados em qualquer circunstância.

Explico melhor: Os antibióticos não devem ser produtos capazes de mitigar falhas de produção (de higiene ou manejo geral). São antes moléculas administradas na sequência de um procedimento médico-veterinário, com capacidade de tratar infeções bacterianas nos nossos animais.

Se não são usados, podemos contar com danos irreversíveis tanto para os produtores, como para os animais. Os produtores terão prejuízos, já que possuem animais sem condições para produzir produtos vendáveis e sãos, criando uma “massa infetante” suscetível de ser fonte de disseminação de doença para a comunidade (humana e animal). Há depreciação do produto final, quebra da cadeia produtiva e em última instância, a morte. Na perspetiva dos animais, individualmente ou em grupo, a recuperação do seu estado de saúde é, na minha opinião, seguramente um procedimento que concorre para o seu bem-estar. Animais doentes nunca serão animais produzidos com humanidade.

Os resíduos de antibióticos nos produtos de origem animal são o principal problema. Problema este, que deve ser compreendido em duas perspetivas:

Em relação ao consumidor, nada há a recear. Basta cumprir o intervalo de segurança específico para o fármaco em causa.

Num campo mais vasto, sempre que animais consomem antibióticos, inevitavelmente acabam por excretar os seus metabolitos para o ambiente, onde se vão acumulando com consequências imprevisíveis. Esse sim, a longo prazo é o problema mais grave.

Numa perspetiva diferente, mas igualmente problemática, nos últimos tempos não tem existido por parte da indústria farmacêutica qualquer investimento relevante, no sentido de procurar soluções inovadoras, ou desenvolvimento de novos produtos com capacidade antibiótica. Provavelmente, esta indústria estará focada em explorar soluções para outros tipos de patologias, passíveis de proporcionar



Informação Técnica

Tecnologia | Qualidade | Rigor

um maior retorno financeiro. Provavelmente as doenças oncológicas e as demências, entre outras, estarão neste leque de opções.

Como mensagens finais, sublinho:

As nossas escolhas em termos de antibioterapia são cada vez mais limitadas.

Não usar antibióticos como profiláticos ou mitigadores de más práticas de produção.

Se o seu uso for indispensável, fazê-lo com critério. Respeitando sempre as indicações do fabricante (sobretudo os intervalos de segurança), e sempre que possível que a escolha dos produtos a utilizar tenha como suporte um diagnóstico laboratorial.

José João R. Sousa Nunes - Médico Veterinário

Aveiras de Cima, 5 de Junho de 2024

SERVIÇOS TÉCNICOS